

LIÇÃO 3 - A Existência de uma Primeira Causa Eficiente e de uma Primeira Causa Material

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 2: 994a 11-994b 9

- .53. Pois as coisas intermediárias em uma série limitada por algum primeiro e último devem ter como sua causa o primeiro membro da série, que elas seguem; porque se tivéssemos que dizer qual desses três é a causa dos outros, diríamos que é o primeiro. O que é último não é a causa, pois o que é último não é causa de nada. Tampouco o intermediário é a causa, porque ele é a causa de apenas um; pois não faz diferença se um ou vários intermediários existem, ou um número infinito ou finito. De fato, em séries que são infinitas dessa maneira ou no infinito em geral, todas as partes são intermediárias no mesmo grau até o presente. Portanto, se não há nada primeiro em toda a série, nada na série é causa.
- .54. Tampouco é possível proceder ao infinito em uma direção descendente, onde há um ponto de partida em uma direção ascendente, de modo que a água venha do fogo, a terra da água, e alguma outra classe de coisas seja sempre gerada dessa maneira.
- .55. Ora, há duas maneiras pelas quais uma coisa vem (ex) de outra. Não quero dizer "de" no sentido de depois, como se diz que os Jogos Olímpicos vêm dos Jogos Ístmicos, mas ou da maneira como um homem vem de um menino como resultado da mudança de um menino, ou da maneira como o ar vem da água.
- .56. Dizemos, então, que um homem vem de um menino no sentido de que o que veio a ser vem do que está vindo a ser, ou no sentido de que o que foi completado vem do que está sendo completado. Pois a geração está sempre no meio-termo entre o ser e o não-ser, e assim tudo o que está vindo a ser está no meio-termo entre o que é e o que não é. Ora, um aprendiz é alguém que está se tornando sábio, e este é o significado da afirmação de que o homem de ciência vem do aprendiz. Mas a água vem do ar no sentido de que ela vem a ser quando este último cessa de ser.
- .57. É por isso que mudanças do primeiro tipo não são reversíveis e, portanto, um menino não vem de um homem. A razão é que a coisa que vem a ser não provém da geração, mas existe após a geração. Esta é a maneira como o dia vem da aurora, isto é, no sentido de que ele existe após a aurora; e é por isso que a aurora não pode vir do dia. Por outro lado, mudanças do segundo tipo são reversíveis.

- .58. Ora, de nenhuma das duas maneiras é possível proceder ao infinito; pois os intermediários existentes devem ter algum fim, e uma coisa pode ser transformada em outra porque a corrupção de uma é a geração da outra.
- .59. Ao mesmo tempo, é impossível que uma causa primeira eterna seja corrompida; pois, uma vez que a geração não é infinita em direção ascendente, então um princípio primeiro pela corrupção do qual algo mais é produzido não poderia ser eterno.

COMENTÁRIO

101. Tendo assumido acima que as causas dos seres não são infinitas em número, o Filósofo agora prova isso. Primeiro (153:C 300), ele prova que não há um número infinito de causas em uma série; e segundo (170:C 330), que as classes de causas não são infinitas em número ("Além disso, se as classes de causas").

Em relação ao primeiro, ele faz quatro coisas. Primeiro, prova sua suposição no caso das causas eficientes ou motoras; segundo (154:C 305), no caso das causas materiais ("Nem é possível"); terceiro (160:C 316), no caso das causas finais ("Além disso, aquilo para o qual"); e quarto (164:C 320), no caso das causas formais ("Nem pode a quiddidade").

Em relação ao primeiro, ele procede da seguinte forma. Primeiro, estabelece esta premissa: no caso de todas aquelas coisas que estão entre dois extremos, um dos quais é último e o outro primeiro, o primeiro é necessariamente a causa daquelas que vêm após ele, a saber, o que é intermédio e o que é último.

102. Então ele prova esta premissa por um processo de eliminação. Pois, se tivéssemos que dizer qual dos três, i.e., o primeiro, o intermédio ou o último, é a causa dos outros, teríamos que dizer que o primeiro é a causa. Não poderíamos dizer que o que é último é a causa de todos os outros, porque ele não é causa de nada; pois, em outros aspectos, o que é último não é uma causa, visto que um efeito segue uma causa. Nem poderíamos dizer que o intermédio é a causa de todos os outros, porque ele é a causa de apenas um deles, a saber, o que é último.
103. E para que alguém não pense que um intermédio é seguido por apenas uma coisa, i.e., o último (pois isso ocorre apenas quando há uma única coisa entre dois extremos), a fim de excluir esta interpretação, ele acrescenta que não faz diferença para a premissa dada acima se há apenas um intermédio ou vários, porque todos os intermédios são tomados juntos como um na medida em que têm em comum a característica de um intermédio. Também não faz diferença se há um número finito ou infinito de intermédios, porque enquanto eles tiverem a natureza de um intermédio, não podem ser a primeira causa do movimento. Além disso, uma vez que deve haver uma primeira causa do movimento anterior a toda causa secundária do movimento, então deve haver uma causa primeira anterior a toda causa intermédia, que não seja de modo algum um intermédio, como se tivesse uma causa anterior a si mesma. Mas se sustentássemos que há uma série infinita de causas motoras da maneira acima, então todas as causas seriam intermédias. Assim, teríamos que dizer, sem qualificação, que todas as partes de qualquer coisa infinita, seja de uma série de causas ou de quantidades contínuas, são intermédias; pois se houvesse uma parte que não fosse intermédia, ela teria que ser ou uma primeira ou uma última; e

ambas são opostas à natureza do infinito, que exclui todo limite, seja ele um ponto de partida ou um termo.

104. Ora, há outro ponto que deve ser notado, i.e., que se há várias partes intermédias em qualquer coisa finita, nem todas as partes são intermédias no mesmo grau; pois algumas estão mais próximas do que é primeiro, e outras do que é último. Mas no caso de algo infinito em que não há nem uma primeira nem uma última parte, nenhuma parte pode estar mais próxima ou mais distante do que é primeiro ou do que é último. Portanto, todas as partes são intermédias no mesmo grau até aquela que você designa agora. Consequentemente, se as causas do movimento procedem ao infinito desta maneira, não haverá causa primeira. Mas uma causa primeira é a causa de todas as coisas. Portanto, seguir-se-á que todas as causas são eliminadas; pois quando uma causa é removida, as coisas das quais ela é a causa também são removidas.
105. Nem é possível (154)

Ele mostra que é impossível proceder ao infinito no caso das causas materiais. Primeiro (154:C 300), ele afirma o que pretende provar. Segundo (155:C 308), ele prossegue com sua prova ("Ora, há dois modos").

Em relação ao primeiro, deve-se notar que um paciente está sujeito à ação de um agente. Portanto, passar de agente a agente é proceder em direção ascendente, enquanto passar de paciente a paciente é proceder em direção descendente. Ora, assim como a ação é atribuída à causa do movimento, também o sofrer ação é atribuído à matéria. Portanto, entre as causas do movimento, o processo é em direção ascendente, enquanto entre as causas materiais, o processo é em direção descendente. Consequentemente, uma vez que ele mostrou entre as causas motoras que é impossível proceder ao infinito, por assim dizer, em direção ascendente, ele acrescenta que é impossível proceder ao infinito em direção descendente, i.e., no processo das causas materiais, supondo que haja um ponto de partida em direção ascendente entre as causas do movimento.

106. Ele ilustra isso por meio do processo dos corpos naturais, que procede em direção descendente, como se disséssemos que a água vem do fogo, a terra da água, e assim por diante ao infinito. Ele usa este exemplo de acordo com a opinião dos antigos filósofos da natureza, que sustentavam que um desses elementos é a fonte dos outros em uma certa ordem.
107. No entanto, isso também pode ser explicado de outra maneira, na medida em que entendemos que, no caso das causas eficientes, há certos efeitos últimos evidentes aos sentidos que não movem mais nada. Portanto, não perguntamos se há um regresso infinito nos membros inferiores dessa classe, mas se há um regresso infinito nos superiores. Mas com relação à classe das causas materiais, ele supõe que há uma causa primeira que é o fundamento e a base das outras; e indaga se há um regresso infinito em direção descendente no processo daquelas coisas que são geradas a partir da matéria. O exemplo que ele dá ilustra isso, porque ele não diz que o fogo vem da água e esta, por sua vez, de outra coisa, mas o contrário, isto é, que a água vem do fogo, e algo mais vem desta. Por essa razão, considera-se que existe a matéria primeira; e ele pergunta se as coisas que são geradas da matéria progridem ao infinito.
108. Ora, há duas maneiras pelas quais (155)

Ele prova sua tese original. Sobre isso, ele faz quatro coisas. Primeiro (155:C 308), ele distingue entre as duas maneiras pelas quais uma coisa *vem de* outra. Segundo (156:C 310), ele mostra que essas duas maneiras diferem em dois aspectos (“Dizemos, então, que um homem”). Terceiro (158:C 312), ele mostra que é impossível proceder ao infinito em qualquer uma dessas maneiras (“Ora, em nenhuma das duas maneiras”). Quarto (159:C 314), ele mostra em qual dessas maneiras outras coisas vêm do primeiro princípio material (“Ao mesmo tempo”).

Ele diz, primeiro, que uma coisa “vem de” outra própria e essencialmente de duas maneiras. Ele fala assim para excluir aquela maneira pela qual algo é dito, em sentido impróprio, *vir de* outra coisa apenas pelo fato de *vir depois dela*, como quando se diz que certas festas dos gregos chamadas Olímpicas vêm daquelas chamadas Ístmicas, ou como se disséssemos que a festa da Epifania vem do Natal. Mas isso é um uso impróprio da palavra, porque o processo de vir a ser é uma mudança, e em uma mudança não é necessário apenas que exista uma ordem entre os dois limites da mudança, mas também que ambos os limites tenham o mesmo sujeito. Ora, não é esse o caso no exemplo acima, mas falamos dessa maneira na medida em que pensamos no tempo como o sujeito de diferentes festas.

109. Agora, propriamente falando, é necessário dizer que uma coisa vem de outra quando algum sujeito é mudado disto para aquilo. Isso ocorre de duas maneiras: primeiro, como quando dizemos que um homem vem de um menino, no sentido de que um menino é mudado da infância para a idade adulta; segundo, como quando dizemos que o ar vem da água como resultado de uma mudança substancial.

110. Dizemos, então, que um homem (156).

Ele explica o duplo sentido no qual essas duas maneiras diferem. Primeiro, dizemos que um homem vem de um menino no sentido de que o que já veio a ser vem do que está vindo a ser, ou no sentido de que o que já foi completado vem do que está sendo completado. Pois qualquer coisa em estado de vir a ser e de ser completada está entre o ser e o não-ser, assim como a geração está entre a existência e a inexistência. Portanto, uma vez que alcançamos um extremo através de um intermediário, dizemos que o que foi gerado vem do que está sendo gerado, e que o que foi completado vem do que está sendo completado. Ora, este é o sentido no qual dizemos que um homem vem de um menino, ou um homem de ciência de um aprendiz, porque um aprendiz é alguém que está se tornando um homem de ciência. Mas no outro sentido, ou seja, aquele no qual dizemos que a água vem do fogo, um dos limites da mudança não está relacionado ao outro como uma passagem ou intermediário, como a geração está para o ser, mas sim como o limite a partir do qual uma coisa parte para alcançar outro limite. Portanto, uma vem da outra quando a outra é corrompida.

111. É por isso que as mudanças (157)

Ele infere outra diferença da anterior. Pois, uma vez que, na primeira maneira, uma coisa está relacionada à outra como a geração está para o ser, e como um intermediário para um limite, é evidente que uma é naturalmente ordenada à outra. Portanto, elas não são reversíveis, de modo que uma venha da outra indiferentemente. Consequentemente, não dizemos que um menino vem de um homem, mas o contrário. A razão para isso é que essas duas coisas, das quais se diz que uma vem da outra dessa maneira, não estão relacionadas entre si da mesma forma que os dois

limites de uma mudança, mas como duas coisas, uma das quais vem depois da outra em sequência. E é isso que ele quer dizer quando afirma que “o que veio a ser” (isto é, o termo da geração ou do ser) não vem da geração como se a própria geração fosse mudada em ser, mas é aquilo que existe após a geração, porque segue a geração em uma sequência natural; assim como o destino de alguém vem após uma viagem, e como o que é último vem após o que é intermediário. Portanto, se considerarmos essas duas coisas, isto é, geração e ser, a maneira como elas estão relacionadas não difere daquela que excluímos, na qual apenas a sequência é considerada, como quando dizemos que o dia vem da aurora porque vem após a aurora. Além disso, essa sequência natural nos impede de dizer de maneira oposta que a aurora vem “do dia”, i.e., após o dia; e pela mesma razão, um menino não pode vir de um homem. Mas no outro sentido, no qual uma coisa vem de outra, o processo é reversível; pois assim como a água é gerada devido à corrupção do ar, de maneira similar o ar é gerado devido à corrupção da água. A razão é que esses dois não estão relacionados entre si em uma sequência natural, i.e., como um intermediário a um limite, mas como dois limites, qualquer um dos quais pode ser primeiro ou último.

¶12. Ora, em nenhuma das duas maneiras (158).

Ele mostra que é impossível proceder ao infinito em qualquer uma dessas maneiras. Primeiro, na maneira em que dizemos que um homem vem de um menino; pois a coisa da qual dizemos que outra vem, como um homem vem de um menino, tem a posição de um intermediário entre dois limites, i.e., entre o ser e o não-ser. Mas um número infinito de intermediários não pode existir quando certos limites são considerados existentes, uma vez que os limites se opõem ao infinito. Portanto, é impossível ter uma série infinita dessa maneira.

¶13. Da mesma forma, é impossível ter uma série infinita na outra maneira; pois nessa maneira, um limite é convertido no outro, porque a corrupção de um é a geração do outro, como foi explicado. Ora, onde quer que exista um processo reversível, há um retorno a algo primeiro, no sentido de que o que era primeiramente um ponto de partida é depois um termo. Isso não pode ocorrer no caso de coisas infinitas, nas quais não há nem um ponto de partida nem um termo. Consequentemente, não há maneira pela qual uma coisa possa vir de outra em um regresso infinito.

¶14. Ao mesmo tempo, é impossível (159).

Ele mostra em qual dessas maneiras algo vem da matéria primeira. Ora, deve-se notar que neste lugar Aristóteles usa duas suposições comuns aceitas por todos os filósofos antigos: primeiro, que existe um princípio material primário e, portanto, que no processo de geração não há regresso infinito por parte do superior, i.e., daquilo a partir do qual algo é gerado; segundo, que a matéria é eterna. Portanto, a partir dessa segunda suposição, ele conclui imediatamente que nada vem da matéria primeira na segunda maneira, i.e., na maneira pela qual a água vem do ar como resultado da corrupção deste, porque o que é eterno não pode ser corrompido.

¶15. Mas, como alguém poderia dizer que os filósofos não consideravam que o primeiro princípio material é eterno porque permanece eternamente numericamente um, mas porque é eterno por sucessão (como se a raça humana fosse considerada eterna), ele exclui isso da primeira suposição. Ele diz que, uma vez que a geração não é infinita em uma direção ascendente, mas para em um primeiro princípio material, então, se há um primeiro princípio material por cuja corrupção outras coisas vêm a ser, ele não deve ser o

princípio eterno do qual os filósofos falam. A razão é que o primeiro princípio material não pode ser eterno se outras coisas são geradas por sua corrupção, e ele, por sua vez, é gerado pela corrupção de outra coisa. É evidente, então, que uma coisa vem deste primeiro princípio material como algo imperfeito e potencial que está entre o puro não-ser e o ser atual, mas não como a água vem do ar devido à corrupção deste.

Revision #1

Created 7 September 2026 13:21:06 by Admin

Updated 7 September 2026 13:21:26 by Admin